

Negociação internacional

New Deal agrícola

COM O fracasso da Rodada Doha, a proposta de liberalização comercial, iniciativa tomada em 2001, pela Organização Mundial do Comércio, caiu por terra. Assim, ficou esvaziado o contexto chamado de *New Deal* (novo acordo, em inglês) para a política alimentar global, como referência ao conjunto de políticas implantado pelos EUA durante a Grande Depressão.

O acordo comercial poderia ser usado para baratear os preços dos alimentos exportados para países em desenvolvimento. Mas o sistema mundial de comércio de agricultura está preso ao passado. O momento de cortar subsídios distorcidos e de abrir os mercados para a importação de alimentos foi perdido.

Enquanto isso, os preços das *commodities* agrícolas duplicaram desde o começo de 2007. A Organização das Nações Unidas (ONU) insiste para os países abrirem os seus mercados, especialmente no setor de alimentos.

Por trás desse movimento, há o incremento anual de 10% do PIB chinês (dobra a cada sete anos) e de 6,5% do PIB da Índia (dobra a cada onze anos). Vem então a pergunta: qual será o impacto do acesso aos alimentos de uma população próxima 2,5 bilhões de pessoas?

Além disso, há ainda:

- O encarecimento do petróleo;
- O aumento de períodos de seca;
- O uso de terra para produção de biocombustíveis.

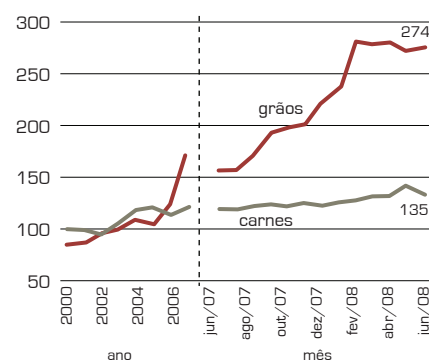
No caso dos biocombustíveis, a menção é dirigida aos EUA, onde grande volume de milho tem sido usado para a produção de etanol. Há um reconhecimento entre as diferenças do uso da cana e o do milho para a produção de álcool.

As distorções não começaram com a produção de biocombustíveis em grande escala. Os Estados Unidos e a União Européia não extinguem suas barreiras comerciais e os pesados subsídios. Embora a liberalização dos mercados agrícolas fosse um dos objetivos centrais da Rodada Doha, o cumprimento de uma agenda seria um passo importante para ampliação de oportunidades comerciais para os países pobres.

Mais de 800 milhões de pessoas estão ameaçados pelo aumento de preços da

comida, alertam os dirigentes do Programa Mundial de Alimentos, conduzido pela ONU. Os países da África estariam em condições econômicas e sociais muito melhores se os programas de desenvolvimento agrícola adotados nas últimas décadas não houvessem fracassado. ■

Carne e grãos: evolução do índice de preços (1998-2000:100)



Fonte: FAO

A alta dos alimentos

Dados divulgados no final de julho pelo Fundo das Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) ratificam que o pior da alta mundial de alimentos já passou. O índice de preços FAO registrado em junho (274 pontos) ficou ligeiramente abaixo dos 279 pontos registrados entre fevereiro e abril - aparentemente o pico de preços na história dos grãos.

As carnes seguem o mesmo caminho. Depois de aumentar consideravelmente desde o começo de 2008, o "índice de preços de carnes" apresentou sinais de enfraquecimento de maio para junho e, após atingir o pico de 141, retrocedeu para 135.

Se os preços dos grãos e carnes começam a ceder, é incorreto concluir que tudo caminha à normalidade. Basta comparar a evolução em termos anuais de grãos e carnes entre 2000 e 2007 e os 13 meses encerrados em junho de 2008.

Partindo de um índice igual a 100 em 1998-2000, as carnes entraram no ano 2000 com o mesmo índice (o mesmo preço), enquanto os grãos apresentavam um índice 85 (preços 15% menores). No entanto, de 2000 a 2007, a posição dos dois produtos sofreu inversão e descolamento, pois o preço das carnes aumentou 21%, enquanto o dos grãos variou 98,82%.

A situação é mais dispar quando se analisa um período mais curto e recente, de junho de 2007 a junho de 2008. Bem mais valorizadas em comparação aos preços de períodos anteriores, as carnes registraram incremento de preço de 12,50%. Entretanto, a valorização dos grãos aumentou em 75,64%.

Desde que a FAO implantou os atuais índices, há quase uma década, com base no triênio de preços entre 1998 e 2000, as carnes tiveram uma valorização máxima de 41% e os grãos, de 179%. Doravante, os preços podem ser decrescentes. Mas essa diferença, provavelmente, jamais será eliminada. O segmento produtor de carnes conviverá com mais pressão de custo e aperto de margens.